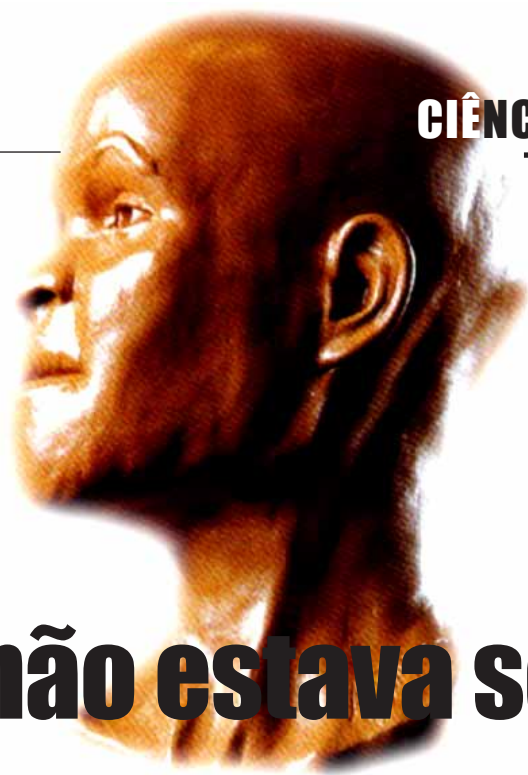
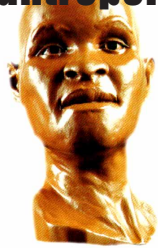


## antropologia



Reprodução

# Luzia não estava só

**O povo de Luzia, que viveu em Lagoa Santa, MG, há uns 11 mil anos, pode ainda estar entre nós. A ciência começa a revelar suas marcas genéticas**

José Carlos Ruy

Luzia não estava sozinha, e seus descendentes estão entre nós – estas são as evidências mais recentes das pesquisas sobre as origens do homem brasileiro. A tese da origem negróide do povo de Luzia (como ficou conhecido o crânio descoberto em 1975, estudado pelo bioantropólogo Walter Neves, do Instituto de Biociências da USP, e que serviu de base para a restauração, divulgada em 1999, das feições daquela mulher que teria vivido há uns 11 mil anos, na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais) contraria a certeza até então vigente de que os nativos americanos seriam descendentes de asiáticos – ou mongolóides.

Pela nova teoria, a América teria sido povoada entre 12 a 18 mil anos atrás, por hordas negróides que vieram da Ásia pelo estreito de Behring e teriam descido a costa com suas primitivas embarcações, espalhando-se rapidamente pelo continente.

A nova explicação foi proposta por Neves e pelo antropólogo argentino Hector Puciarelli em 1988, época em que trabalhavam no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, PA. E encontrou oposição imediata do *establishment* científico, principalmente dos EUA, que – além da previsível

recusa a aceitar elaborações científicas originais vindas de um país da periferia do sistema capitalista – acusavam o estudo inovador de basear-se na análise de apenas um crânio. Diziam também que só um pequeno número de variáveis morfométricas foi estudado, uma alegação marota, pois o cientista que levantou essa objeção recebeu vários estudos – um baseado em apenas 10 variáveis, mas outros em 25, 40 e até 50 variáveis. Mas ele só levou em conta o trabalho que estudava o número menor.

**Vindos da Oceania** Neves comprou a briga e, nos últimos anos, publicou mais de 15 artigos nas principais revistas estrangeiras especializadas. Dois artigos recentes fazem parte dessa fornada. Um deles, assinado por Neves e outros pesquisadores, foi publicado na revista britânica *World Archaeology* em dezembro de 2004, apresentando um estudo comparativo de nove crânios encontrados em 1956 em Cerca Grande, na região mineira de Lagoa Santa, por uma equipe dirigida pelo americano Wesley Hurt e pelo antropólogo brasileiro Oldemar Blasi, que hoje é octogenário. Os crânios, semelhantes ao de Luzia, fazem parte do

acervo do Museu Nacional, no Rio de Janeiro e são de seres humanos que viveram na região há uns 9 mil anos, e seu estudo não encontrou afinidades morfológicas entre os atuais nativos americanos e populações do leste da Ásia, mas com populações negróides da Oceania que teriam migrado para a América antes da vinda dos mongolóides que deram origem aos índios atuais.

Em outro artigo publicado na revista americana *Current Research in Pleistocene*, Neves analisou um crânio de 9 mil anos, também negróide, encontrado na Toca das Onças, em Caatinga do Moura, Bahia. Isto sugere, disse Castor Cartelle, do Museu de Ciências Naturais da PUC/MG, ao jornalista Marcos Pivetta (*Pesquisa Fapesp*, janeiro de 2005) que a difusão daquelas populações “era mais ampla do que se pensava. Talvez a presença de indivíduos do tipo negróide tenha ocorrido ao longo de toda a bacia do rio São Francisco, chegando até o Piauí”. A análise de outros seis crânios, também com 9 mil anos, encontrados em Santana do Riacho, na Serra do Cipó, próximo a Belo Horizonte, publicada em julho de 2003, no *Journal of Human Evolution*, em co-autoria com André Prous, González-

José, Kipnis e J. Powell, faz parte dessa série destinada a provar que Luzia não estava só.

As informações sobre encontros de restos fósseis do povo de Luzia multiplicam-se, indicando a presença de populações semelhantes a ela em São Paulo e também no México onde, em setembro de 2004, foi noticiada a descoberta de um crânio semelhante ao de Luzia, de 11 mil anos, conhecido como Mulher de Peñon. Em 2003 o antropólogo americano Tom D. Dillehay publicou análise de 33 crânios achados na Baixa Califórnia, México (*Nature*, setembro de 2003), sugerindo que a visão sobre os ancestrais dos índios americanos precisa ser reconsiderada. Os crânios, com características anatômicas não mongolóides (como Luzia), são da tribo mexicana pericu, que sobreviveu isolada até o século 16, sendo extinta depois da chegada dos espanhóis. Outro trabalho, feito pela equipe liderada pelo espanhol Rolando Gonzáles-José (*Nature*, setembro de 2003), reforçou a tese de ausência de afinidades morfológicas entre os pericu e os índios modernos e propôs a existência de um ancestral comum entre eles e os australianos. Eles teriam partido de algum lugar do sudeste asiático, chegando à Austrália a uns 40 mil anos, e à América por volta de 12 mil anos atrás.

Além disso, análises estão sendo aprimoradas, com o uso de recursos rigo-

rosos de datação e determinação de sua origem negróide (ou afro-aborígene) ou mongolóide. Dos nove crânios de Cerca Grande analisados no artigo publicado na *World Archaeology*, dois foram datados com o uso do método do carbono 14, que é o mais confiável e também o mais difícil. Além de ser o mais caro, ele requer a presença de colágeno nos ossos analisados, e isso é difícil de ser encontrado em fósseis de Lagoa Santa, obrigando o uso da datação indireta, método que o próprio Neves reconhece não ser o ideal.

Já a origem é determinada pela comparação da anatomia dos crânios estudados; Neves faz a medição dos crânios e, depois, usa o computador para comparar os resultados obtidos com dezenas de parâmetros físicos dos principais grupos humanos que existem hoje no mundo. O resultado dessa análise colocou os crânios de Cerca Grande e de Toca das Onças ao lado dos africanos do Subsaara e dos aborígenes da Austrália, e os afastou dos mongolóides, assim como dos asiáticos e dos índios atuais.

**Ainda entre nós** A teoria proposta por Neves suscita uma série de indagações, entre as quais uma se destaca: Por que aquelas populações negróides desapareceram sem deixar descendentes entre as populações americanas atuais?

Em 1876, dois estudiosos brasileiros – F. Lacerda e R. Peixoto – estudaram os crânios descobertos em Lagoa Santa pelo dinamarquês Peter Lund – o “pai da paleontologia brasileira” – e identificaram uma continuidade entre eles e os chamados botocudos, índios dos vales dos rios Jequitinhonha, Murici e Doce, vítimas da guerra de extermínio decretada por uma Carta Régia de 13 de maio de 1808.

A hipótese dessa continuidade ficou esquecida, mas volta à luz com as novas conquistas da arqueologia e da genética brasileiras, e que demonstram a possibilidade de que os descendentes de Luzia estão entre nós, como sugere um trabalho publicado em 2003

*Os botocudos, índios dos vales dos rios Jequitinhonha, Murici e Doce: seriam descendentes das populações negróides contemporâneas ao povo de Luzia*

na revista americana *Proceeding of the National Academy of Sciences*, dirigido pelo geneticista Sérgio Danilo Pena, da Universidade Federal de Minas Gerais, que analisou o DNA dos moradores da localidade chamada Queixadinha, no vale do Jequitinhonha. Na região vivem também os krenak, descendentes de povos que, no passado, foram chamados de aimoré, guerén, botocudo. Hoje, eles são apenas 500, e para eles a identidade com os ancestrais é questão política que fundamenta seu direito às terras que ocupam.

No passado, o extermínio liquidava a população masculina e absorvia a feminina, submetida à escravidão. Partindo dessa compreensão mais correta das práticas de extermínio, os pesquisadores imaginaram poder encontrar a continuidade genética entre os botocudos e os atuais moradores da região. Analisando a seqüência de trechos de cerca de 16 mil nucleotídeos do mtDNA (dna mitocondrial), transmitido pelas mães, os pesquisadores chegam a grupos chamados haplótipos. Entre os índios modernos, os grupos mais comuns são designados como A, B, C e D. Entre os índios de Minas Gerais, os grupos mais comuns são os A e B, mas em Queixadinha é o grupo C, fato que deixou os pesquisadores intrigados. Eles suspeitam que as linhagens maternas identificadas em Queixadinha sejam similares às do povo de Luzia. Isto é, os pesquisadores supõem que as matrilineagens identificadas em Queixadinha sejam fósseis de genes que sobrevivem nas células daqueles moradores.

Ainda são hipóteses, mas elas reforçam o reconhecimento da dispersão geográfica daquelas populações ancestrais e também o de que deixaram descendência. Outro estudo nessa direção é o coordenado por Maria Cátira Bortolini, da UFRGS, sob orientação do geneticista Francisco Mauro Salzano, e que faz o mapeamento do mtDNA no pampa gaúcho, onde viviam os charrua, que também tinham traços morfológicos afro-aborígenes e apresentavam a mesma predominância do haplótipo C. Cátira espera encontrar traços genéticos daquele povo extinto há quase duzentos anos entre os gaúchos modernos. ■

José Carlos Ruy é jornalista.

